

NOTÍCIAS

A MORTE DE LYSENKO

No número 10 da Folha Criacionista foi apresentada uma notícia sobre "O triste fim da Biologia Soviética", versando sobre a atuação de Lysenko na Genética da URSS.

Os jornais de novembro de 1976 noticiaram agora a morte de Lysenko, o outrora todo poderoso dirigente da Ciência soviética.

Devido à importância da analogia que não pode escapar aos estudiosos da controvérsia evolução x criação, transcreve-se a seguir a nota publicada pelo jornal "O Estado de São Paulo", em sua edição de 24 de novembro de 1976.

Merecem destaque particular as observações finais feitas pelo eminente Professor Crodowaldo Pavan, da Universidade de São Paulo.

"Faleceu ontem em Moscou, aos 78 anos, o biólogo Trofim Lysenko, que durante muito tempo dominou os estudos da genética na URSS - e provocou com isso considerável atraso no desenvolvimento da agricultura soviética. Na época de Stalin, Lysenko conseguiu convencer os governantes soviéticos de que os resultados de suas pesquisas estavam mais de acordo com a dialética materialista do que as demais linhas de análise.

Sua teoria - a vernalização - resulta de diversas formas de tratamento de sementes com o objetivo de se alcançar maturidade precoce e mais produtividade às plantas. Lysenko, ao impor a sua linha condenou ao desprestígio na URSS a Genética Mendeliana.

Antes de suas pesquisas, realizadas em um instituto da região de Odessa, o geneticista de maior prestígio da União Soviética era Ivanovitch Vavilov, que liderava o grupo de geneticistas do país e criou cerca de 400 grandes Institutos de Pesquisa, cada um dos quais contava com mais de 300 pesquisadores. Nessa época, as ciências agrônômicas eram estudadas sob os mais variados aspectos, desde a textura das células até a produção de plantas em diferentes ambientes da URSS. Assim, possibilitava-se um grande desenvolvimento agrícola.

Afirmando aos chefes de estado que Vavilov e seus seguidores eram representantes da ciência capitalista, Lysenko acabou por conseguir, em 1940, o cargo de Presidente da Academia de Ciências Agrárias, passando a deter o destino da agricultura soviética em suas mãos. Vavilov, destituído do cargo, foi mandado para a Sibéria, onde viria a morrer, totalmente pobre e desacreditado em seu país, em 1943. Os demais geneticistas soviéticos perderam seus cargos ou foram obrigados a mudar de linha de trabalho.

A partir de 1940, começaram a aparecer, na literatura científica soviética, diversos "milagres" - novas espécies podiam ser criadas ou transformadas, todas dentro de um planejamento dialético e com alta produção - obtidos por Lysenko e seus seguidores. Esses "milagres", entretanto, jamais foram confirmados, dentro ou fora da União Soviética. Apesar disso, Lysenko ficou no poder por mais 25 anos, ditando regras sobre pesquisas agrícolas e, conseqüentemente, atrasando o desenvolvimento da agricultura soviética.

Lysenko contou sempre com a proteção que lhe era dada pelos líderes do Partido Comunista, sendo considerado um gênio dentro da União Soviética. Fora do País, no entanto, não tinha o mesmo prestígio, sendo apontado como um charlatão, desonesto em ciência. E chegou a ser qualificado até de mau caráter. Protegido pelo governo stalinista, chegou a diretor do Instituto de Genética da Academia Soviética de Ciências e presidente da poderosa Academia de Agricultura Lenine. Assim, mantendo essas duas posições chaves e garantindo o apoio do Partido Comunista, Lysenko conseguiu silenciar os geneticistas soviéticos por um quarto de século, tendo essa atitude sempre reflexos sobre a agricultura do país.

A política científica soviética começou a se modificar novamente com a subida de Krushev. A falha no aumento da produção agrícola soviética e a repercussão desfavorável do Lysenkoísmo no Exterior contribuíram muito para isso. A partir de então os geneticistas soviéticos voltaram a poder se manifestar, tendo alguns, inclusive, voltado a trabalhar em genética mendeliana. Entraram então em descrédito várias afirmações de Lysenko, como a de que se pode ensinar as plantas a crescerem no inóspito solo russo, como se pode ensinar os camponeses a trabalhar eficazmente nas novas granjas comunais.

Por fim, Lysenko perdeu parte de sua força com as manifestações dos geneticistas, mas ainda era apoiado pela grande maioria dos diretores de institutos de pesquisas- mesmo porque haviam sido por ele nomeados. Assim, embora não possuísse a mesma força da época de Stalin, Lysenko ainda recebeu honras de Krushev e seus membros do governo da época. Somente com a subida de Brezhnev e de Kossigin perdeu toda sua força, sendo tomadas atitudes mais práticas por parte do governo.

O professor Crodowaldo Pavan, chefe do Departamento de Biologia da USP, explica ainda que "Lysenko foi o responsável por um dos períodos mais vergonhosos, nocivos e degradantes da história do desenvolvimento científico deste século". Em sua opinião, "de sua passagem pela ciência na União Soviética, nada de proveitoso podemos tirar, pois mesmo o mau exemplo só serve para nos trazer maiores preocupações sobre conseqüências desastrosas que as colaborações entre política e ciência podem trazer, quando um dos lados é incompetente, desonesto ou usa de má fé".

SINAIS DA VIKING PARAM POR UM MÊS

O prestigioso matutino "O Estado de São Paulo", em sua edição de 12 de novembro de 1976, apresentou a última notícia publicada naquele ano sobre o "sucesso científico" do Projeto Viking.

A Folha Criacionista transcreve a seguir aquela notícia, chamando a atenção de seus leitores para a estrutura conceitual evolucionista em que são formuladas as declarações dos cientistas envolvidos no projeto. Por exemplo, declare-se que o ferro encontrado no solo marciano é "um dos catalisadores que na Terra foram responsáveis (grifo nosso) pela transformação dos aminoácidos nas cadeias moleculares mais complexas dos seres vivos". É de se ressaltar, também, a menção a "medições aparentemente contraditórias", o que não deve causar surpresa, desde que *a priori* é aceita a doutrina da evolução como verdade absoluta, sem possibilidade de alternativa que possa eventualmente compatibilizar as contradições aparentes.

Permanece "a velha dúvida sobre a existência de organismos vivos em Marte", o que, para a estrutura conceitual evolucionista, passa a ser um enigma inexplicável, pois foi "definitivamente comprovada em Marte" a presença de Carbono, Nitrogênio, Hidrogênio, Enxofre, água e até mesmo dos agentes catalisadores responsáveis pela transformação dos aminoácidos nas cadeias mais complexas dos seres vivos, faltando "somente" a vida propriamente dita:

"Durante os próximos 30 dias os cientistas perderão todo o contato com as naves Viking enviadas a Marte. Esse silêncio forçado de um mês é conseqüência da posição do Sol, agora situado entre a Terra e Marte, e será aproveitado pela comunidade científica para uma análise do que as naves Viking já descobriram, e um exame das incógnitas que elas não puderam ainda resolver".

Uma coisa é certa: o Projeto Viking foi um sucesso científico. Ao custo de 1 bilhão de dólares (cerca de 11 bilhões de cruzeiros) ele revelou em apenas três meses, mais coisas sobre Marte do que tudo o que a ciência tinha descoberto durante os últimos dois séculos.

As duas naves Viking, pesando 3.500 quilos cada uma, foram lançadas do Cabo Kennedy em agosto de

1975 e, após viajarem cerca 350 milhões de quilômetros, chegaram a Marte, em julho de 1976. Ambas entraram em órbita marciana e soltaram módulos de descida que pousaram nas regiões marcianas de Crhyse e Utopia.

Desde então, os quatro veículos - os dois módulos orbitais e os dois módulos de descida - vêm transmitindo para a Terra informações codificadas em um ritmo de quase 1 milhão de dados binários por dia.

Devidamente "traduzidos", esses números forneceram mais de mil fotos de Marte, muitas delas em cores, mapas de radar da superfície marciana, informações sobre sua atmosfera e nuvens, além de medições sobre a natureza física e química do seu solo, temperatura, umidade e ventos. Um ponto, contudo, os instrumentos não conseguiram solucionar: a velha dúvida sobre a existência de organismos vivos em Marte. Segundo o biólogo Harold Klein, da Nasa, "as naves Viking não afastaram definitivamente a possibilidade de que haja ou tenha havido vida em Marte. Mas também não provaram que ela efetivamente exista".

Os dois instrumentos que detectariam sinais de ação metabólica e indícios de fotossíntese nada revelaram. Mas um terceiro aparelho mostrou que o solo marciano liberta grandes quantidades de oxigênio, quando colocado em líquido nutriente.

Os compostos orgânicos são principalmente associações de carbono com oxigênio, nitrogênio, hidrogênio e enxofre, elementos cuja presença foi definitivamente comprovada em Marte. Também foram encontradas provas definitivas de que existe água no planeta, tanto nas nuvens e no subsolo como nos pólos, em forma de geleiras. Também foi possível concluir que muitos dos vales marcianos foram cavados, em um passado remoto por rios e aluviões, provando que Marte possuiu ainda mais água no passado.

Outro cientista do programa, o biólogo Carl Sagan, explicou que os instrumentos das naves Viking detectaram nitrogênio molecular na atmosfera marciana, lembrando que o nitrogênio molecular é justamente um dos elementos básicos na composição das proteínas terrestres. Por outro lado, ficou provado que existe, no solo marciano, muita argila rica em ferro, um dos catalisadores que na Terra foram responsáveis pela transformação dos aminoácidos nas cadeias moleculares mais complexas dos seres vivos.

O próprio Sagan admite também que a vida marciana pode estar concentrada em alguns pontos mais férteis da superfície do planeta, longe das áreas secas onde as duas Viking desceram. Ou pode incluir moléculas canibais, que se alimentam de outras moléculas mortas, eliminando assim os indícios de vida passada.

Por isso, durante os próximos 30 dias, deverão ser acelerados os ensaios de laboratório, em que os cientistas tentam reproduzir de modo exato as condições do planeta vermelho e descobrir porque alguns dos instrumentos das Viking estão enviando medições aparentemente contraditórias".

